



PERCEPÇÕES SOBRE SEXUALIDADE FEMININA E SEUS IMPACTOS NA SUBJETIVIDADE

Eixo Temático 28 - Narrativas, gêneros, sexualidades e educação: encontros insurgentes

Ingrid Ackermann Bellini¹
Francielly de Lima Oliveira²

RESUMO

Este trabalho apresenta alguns desdobramentos de uma monografia de trabalho de conclusão de curso de Psicologia, realizada no Centro Universitário Hermínio Ometto. A pesquisa, de caráter qualitativo, objetivou compreender como as mulheres percebem e vivenciam sua sexualidade, considerando o atravessamento das construções sociais de gênero. Seu aporte teórico envolveu a história da sexualidade, discussões sobre gênero e subjetividade. A metodologia de pesquisa-intervenção contou com a realização de entrevistas semi-estruturadas e intervenções com cinco mulheres. Para análise dos resultados, a Análise de Conteúdo possibilitou desvendar os significados subjetivos das vivências das mulheres acerca do tema. Enquanto resultados, foi identificado nos discursos a moral, regada de ideais sociais sobre a sexualidade feminina, atuando de forma a silenciá-la. A intervenção, que ocorreu através de uma atividade de mapa corporal, favoreceu a reflexão e a ressignificação da sexualidade. Esse estudo contribuiu para pensar atuações da Psicologia no campo da sexualidade e fatores que atravessam a vivência dela pela mulher.

Palavras-chave: Psicologia, Mulheres, Sexualidade.

INTRODUÇÃO

Ao perceber que a sexualidade feminina ocupa certo espaço a partir do recorte de gênero e que, sobretudo, envolve muito mais do que compreendê-la apenas como sexo, mas também, enquanto um veículo subjetivo de vivenciar prazeres e desprazeres da vida, compreendemos que ao longo da história a mulher não foi permitida a

¹ Graduada pelo curso de Psicologia pelo Centro Universitário Hermínio Ometto - Araras-SP, ingridbellini01@gmail.com;

² Professora orientadora: Mestre, Centro Universitário Fundação Hermínio Ometto - Araras-SP, francielly.oliveira@fho.edu.br

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

desvendar os mistérios do seu corpo. A vida e a sustentabilidade foi imposto a ela um comportamento de recato e submissão ao lar e ao homem (Del Priore, 2023).

Nesta dinâmica, os espaços de poder utilizaram dos discursos sobre a sexualidade, através de normas produzidas sobre ela a serem seguidas, gerando um mecanismo de controle dos corpos (Foucault, 2023). Ainda que hoje possamos ver conquistas de mulheres na sociedade, ainda apresentam-se resistências mediante novas formas de opressão, em especial do corpo feminino que, para existir em uma sociedade patriarcal, foi e é explorado e violentado (Del Priore, 2023; Saffioti, 2015).

Posto isso, a pesquisa desenvolvida teve por objetivo compreender como as mulheres percebem e vivenciam sua sexualidade. Já enquanto objetivos específicos, são eles: compreender a sexualidade feminina como um fator que atravessa o processo de subjetivação da mulher; compreender como a sexualidade é vista socialmente; e analisar se concepções sociais têm impacto na vivência da sexualidade pela mulher.

Tendo em vista que Del Priore (2020; 2023) denuncia o lugar da mulher na sociedade atribuído à submissão aos desejos do homem, ao cuidado do lar e ao recato, sendo esse construído de forma histórica e política, estudar essa temática significa compreender as formas de violência contra a mulher e seu corpo presentes na sociedade, e ao mesmo tempo possibilita entender de que formas resistem.

Para tal, utilizou-se como base o que Bock (2001) apresenta sobre o conceito de subjetividade, vista enquanto constituição do sujeito, em meio a um contexto social, histórico, cultural e político. Adotou-se neste trabalho a sexualidade enquanto uma das formas de vivenciar o mundo e, portanto, que faz parte do processo de construção subjetiva. Por isso, torna-se relevante também a contribuição com a literatura acadêmica através de um olhar crítico, atual e feminista desta área do conhecimento.

Portanto, visou-se enunciar e denunciar as mudanças e permanências frente às formas de controle impostas sobre a sexualidade feminina e à mulher, mas, especialmente, mostrar a potência que a sexualidade pode permitir enquanto ferramenta de experimentar o mundo e que, a partir disso, pode ser criadora de condições de resistência mediante os ideais patriarcais, à medida que se toma conhecimento destas condições e se permite ressignificá-las.

METODOLOGIA

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



A pesquisa foi submetida ao V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade, V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade, em Belo Horizonte, Brasil (CAAE: 78549724.9.0000.5385), e caracteriza-se como qualitativa, sendo aquela que busca compreender percepções, crenças, significados que atravessam as vivências dos sujeitos na sociedade (Minayo, 2014). Sua base é exploratória (Gil, 2002), permitindo ter familiaridade com o problema e formulando hipóteses.

Foi utilizada a metodologia de pesquisa-intervenção, que apresenta uma proposta de ação transformadora a partir das experiências dos sujeitos e possibilita um impacto microssocial de reflexão e produção de novas perspectivas (Rocha e Aguiar, 2003). Inicialmente, foram realizadas entrevistas semiestruturadas para investigar o problema de pesquisa, seguido de uma intervenção.

A seleção das participantes foi realizada através de formulário divulgado nas redes sociais *WhatsApp* e *Instagram*, para coletar interesse de participação. Selecionamos 5 mulheres através dos critérios de inclusão (se identificar como mulher ou gênero feminino; ter mais de 18 anos; estar ou não em um relacionamento) e exclusão (se identificar como homem ou gênero masculino; mulheres menores de 18 anos). Como o número de interessadas se excedeu (67), foi realizado um sorteio aleatório entre elas.

As entrevistas e intervenções aconteceram de forma individual e remota pelo *Google Meet*, em dois encontros diferentes, que se deram a partir da leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e as entrevistas foram guiadas por um roteiro de perguntas relacionadas ao objetivo da pesquisa.

Para a intervenção, nos inspiramos no Mapa Corporal Narrado, que “utiliza como dados as narrativas pessoais, por meio do desenho do corpo em tamanho real, usando recursos gráficos como desenhos, pinturas, colagens, fotografias, recortes de revistas, jornais e papéis” (Gastaldo *et al.*, 2012 *apud* Moreira; Conceição, 2020, p. 2). Adaptamos para utilizar a imagem de uma silhueta de um corpo, em que solicitou para a participante que sinalizasse, do modo que preferisse, onde habita e se manifesta sua sexualidade.

Para a interpretação dos dados, foi utilizado como método de análise a Análise de Conteúdo. Adotou-se a análise categorial ou temática, que consiste em desmembrar o texto em unidades, reagrupando-o em categorias para serem apresentadas a análise (Bardin, 2016).



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Parentalidade

Por fim, a análise dos dados de gênero, Saúde e Parentalidade de Psicologia Feminista e a teoria da interseccionalidade de Nogueira (2017), aportando-se de uma compreensão de que a identidade é composta de forma plural, atravessada por raça (considerando o racismo presente), orientação sexual, classe social, nacionalidade, entre outros que compõem as múltiplas formas de ser mulher. Dessa forma, considerar a interseccionalidade é também considerar os movimentos de opressão que agem em cada um dos fatores identitários.

REFERENCIAL TEÓRICO

A teoria foucaultiana compreende que a sexualidade na sociedade foi percorrida em diversos e diferentes discursos, em diferentes instituições. Entretanto, o autor aborda que, mais do que colocar o sexo como algo reprimido, é necessário compreender a forma em que foi dado o espaço para ele. Dessa forma, Foucault (2023) anuncia que o controle não se deu exatamente pela proibição de falar e pensar, mas, sim, por meio de controle dos discursos produzidos sobre o sexo e a sexualidade, e das perspectivas que eram lançadas. Portanto, para Foucault (2023), a sexualidade é um dispositivo histórico, atuando enquanto controle de saberes e de corpos.

Juntamente a isso, partindo de reflexões acerca do ser mulher na sociedade, compreende-se que há valores que são introjetados no papel de ser mulher. Nesse sentido, não seria diferente para a vivência da sexualidade pela mulher: se há uma relação entre sexualidade e relações de poder, onde os discursos sobre ela tem um fim de controle de corpos, os corpos femininos não saem impunes dessa lógica.

Assim, torna-se necessário compreender o atravessamento das questões de gênero na temática da sexualidade. Nesse ínterim, Scott (1995), coloca o gênero como uma categoria útil de análise histórica, entendendo-o como a organização da relação fundamentalmente social entre os sexos, baseada na distinção e desigualdade entre o sexo feminino e masculino. Sendo esse, o binarismo que a nossa cultura cultivou e ainda permanece, ou seja, designando à homens e mulheres funções sociais diferentes, de acordo com suas características físicas e biológicas, que foram tomadas como justificativa para prestigiar espaços de poder (Scott, 1995; Zanello, 2022).

Vale lembrar, no entanto, que a sexualidade feminina implica fatores além das vivências sexuais, mas se amplia para a forma que a mulher se vê no mundo, a forma em que é ensinada a explorar (ou não) seu corpo, e para onde seu desejo deve ser

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

destinado. A partir dessa perspectiva, o corpo feminino de subjetivação das mulheres inserido em nossa cultura, na qual “as mulheres se subjetivam, na relação consigo mesmas, mediadas pelo olhar de um homem que as ‘escolha’” (Zanello, 2018, p. 84). Assim, o valor identitário da mulher é construído a partir do olhar que o homem tem a ela de mais ou menos valor (Zanello, 2018; Zanello, 2022).

Dessa forma, a mulher é condicionada a não priorizar seus desejos em detrimento ao dos outros, especialmente o do homem (Zanello, 2022), pautado em um desejo capitalista e patriarcal, refletindo no desejo da mulher que, mesmo que de forma não consciente, busca satisfazer o desejo do outro para se sentir realizada. Além disso, a autora destaca que foi socialmente destinada à mulher a função de cuidar e acolher, como algo inerente ao seu gênero (Zanello, 2018).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Primeiramente, a partir do significado subjetivo de sexualidade para cada uma das participantes, o sexo se apresentou como fator principal que atravessa essa vivência. Esse dado se tornou importante para a pesquisa pois, ainda que tenha como objetivo compreender os diferentes atravessamentos da vivência da sexualidade para além do sexo, este talvez se torne fator fundamental e indispensável a ser considerado. Além disso, foi identificado atravessamentos da moral social, carregada na subjetividade dos sujeitos, sobretudo em como ela age acerca do corpo feminino de forma com que esse não seja vivenciado pela própria mulher.

A partir disso, foi possível construir a reflexão de que essa moral se resulta no silenciamento da sexualidade feminina, compreendendo essa como tudo que envolve a vivência do corpo feminino. Sendo assim, silenciando-a através da culpa, da falta de informação, dos padrões de beleza, do seu espaço no mercado de trabalho, entre outros.

Em relação à intervenção, apresentaremos o mapa corporal das participantes e suas explicações. Discorreremos sobre o que foi apresentado e como permite pensar sobre sexualidade e de que formas ela pode habitar e se manifestar no corpo.

Ana (imagem 1) utilizou canetas coloridas e lápis de cor.

Ana: Então, a primeira coisa, olhando pro corpo, eu fixei mais, eu pinte... a cabeça. (...) eu não sei se eu chamo de psicológico, de emocional, de racional... (...) A minha sexualidade tá aqui. Hã,



Para ela, sua sexualidade depende de como está seu psicológico, entendendo-o como os pensamentos e as emoções presentes, mostrando que esses fatores influenciam na forma em que sente e vive o seu desejo e prazer.

Mercedes (imagem 2) usou canetas coloridas. Desenhou um cabelo no corpo porque é uma parte muito importante para ela. As cores diferentes tiveram a intenção de deixar o desenho mais colorido.

Mercedes: *lugares que pra mim são muito importantes, que por exemplo, eu não gostaria que pessoas que eu não conhecesse encostassem em mim, (...) eu não me sinto à vontade porque são partes que eu zelo muito.*

Ressalta, então, que os fatores de se sentir segura e confortável atravessam sua sexualidade.

Marcela (imagem 3) tinha canetas coloridas, e utilizou a cor rosa porque foi a que mais lhe chamou atenção dentre as disponíveis.

Marcela: *Eu fiz um coração do lado do meu coração porque eu acho que... o meu corpo fala em relação ao carinho, a estar bem pra um relacionamento, pra alguma coisa, no sexo, em tudo, é eu estar bem, o meu coração que fala, entendeu? (...) se palpita, se eu estou contente, eu acho que é ele que... é a parte principal do meu corpo.*

Logo, quando se sente bem, e seu coração está palpitando de uma forma agradável, mostra uma boa condição para poder vivenciar sua sexualidade de forma positiva.

Gabriela (imagem 4) utilizou canetas coloridas. As cores foram utilizadas de acordo com as partes que mais ativam sua sexualidade, sendo na ordem roxo, rosa e laranja.

Gabriela: *(...) eu fui pensando em momentos, assim, que eu já vivenciei. Eh, que eu já tive, assim, que eu gostei... é, toques em lugares que... assim, com pessoas específicas, é.... você se sente*



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

assim, dá aquele friozinho na barriga, e... um carinho ao mesmo tempo, sabe? Tipo, quando pega na mão, (...) quando eu era mais nova (...) só de pegar na mão, eu já senti... eu não sei, um conforto, sabe, assim? Ah, era muito... muito... muito gostosa a sensação.



Comprendemos que Gabriela tomou como ponto de partida as áreas e sensações de seu corpo que lhe dão prazer, especialmente se referindo ao sentido sexual. Ainda, associou o conforto, o carinho e a segurança de sentir essas sensações com quem confia e se sente à vontade.

Nina (imagem 5) preencheu o mapa corporal em uma plataforma digital.

Nina: (...) eu marquei a mente primeiro, porque eu... eh... igual eu falei pra você, a gente que é mulher, parece que a sexualidade... ela não é muito do corpo, é mais da mente, né? (...) eu tenho que estar bem com a minha cabeça, que eu tenho que estar bem com o meu corpo, bem comigo, com o ambiente, pra depois vim ativar a minha sexualidade, porque senão... eh, a gente acho que nem pensa nisso, né? (...) Ai depois, algum... eh, o corpo todo, menos do joelho pra baixo, sabe assim? Porque eu, além dos órgão sexuais, eu também acho assim, que o toque, né? Ativa. (...) E não só nas genitais, né? (...) Então eu pus todo o corpo.

Nina sinalizou as partes do corpo em que podem ativar seu desejo sexual, sendo áreas em que gosta e se sente confortável. Apesar disso, ressalta que sente que precisa estar se sentindo bem consigo mesma para vivenciar seus prazeres de forma positiva. Ainda, pontua a descentralização das genitais, expandindo o prazer para todo o corpo.

A partir dos relatos das intervenções, observamos o sexo ainda em predominância ao se pensar sexualidade, reforçando que culturalmente se mantém atrelado a essa temática. Todavia, ainda que predominante, fatores emocionais, o bem-estar consigo mesma, no momento e também com o outro, apareceram como essenciais para uma experiência positiva da sexualidade.

Propõe-se, dessa forma, uma vivência de corpo inteiro, de seu interno, externo, o que há em volta e o que o atravessa. Com o advento em especial da pornografia, criou-se comumente a ideia de um prazer genitalizado, performático e mecanizado (Wolf, 2018). Assim, não há espaço para experimentar as diferentes sensações que o corpo nos permite sentir, mas que, com o exercício de olhar para si e pensar nas diferentes formas



de sentir prazer, as participantes perceberam que o conhecimento sobre a sexualidade fosse ampliado.

Sobretudo, observou-se como cada mapa corporal denunciou o significado singular de sexualidade para cada uma delas. Vimos a sexualidade tomar como ponto central a razão (sinalizada na cabeça), mas também a emoção (sinalizada no coração), bem como as áreas do corpo que causam excitação, mas também conforto e segurança.

Como parte complementar da fase de intervenção, foram investigados seus efeitos, possibilitando que refletissem e compartilhassem se consideraram que, de alguma forma, essa atividade agregou algo diferente para elas, tendo uma resposta positiva, em que as participantes relatam um olhar mais claro sobre si mesmas, que surgiram a partir de provocações, reflexões e oportunidade de autoconhecimento. Pontuam, ainda, como perceberam como não há incentivo, devido ao tabu acerca do tema, para que possam realizar tais reflexões.

Assim, considera-se que foi possível, de fato, aplicar uma intervenção que propôs a reflexão acerca dos significados de sexualidade. É com essa consciência que se torna possível se conhecer e, a partir disso, reconhecer também os limites do nosso corpo e da nossa subjetividade. Em meio a um contexto histórico, cultural, social e político que constantemente violenta e negligencia a mulher e seu prazer, torna-se essencial conhecer nossos limites para poder impô-los e batalhar pelos nossos direitos de prazer e enquanto mulheres e, através da nossa sexualidade resistimos. Vendo-a enquanto veículo de ser e experimentar no mundo, dando voz às nossas percepções subjetivas e singulares, podemos nos permitir quebrar com discursos produtores de verdade e controle sobre ela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o processo de pesquisa foi possível discutir a forma que as mulheres participantes entendem e vivenciam a sexualidade em seus corpos. Através da autopercepção, permitiu a elas a ressignificação da sexualidade, ampliando olhares para o que pode abarcar essa vivência, que se mostrou singular e diferente para cada mulher, ainda que com atravessamentos parecidos.



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



O limite desta pesquisa se circoscreve a sustentabilidade de que esta pesquisa abarca o recorte identitário deste grupo específico, não sendo passível de ser generalizada. Ainda assim, permitiu levantar discussões importantes para a compreensão do que se diz respeito à sexualidade e denunciar as dinâmicas sociais atuais. Reconhecer o dispositivo de sexualidade enquanto uma forma de controle social de corpos dos sujeitos é indispensável para se fazer uma atuação ética e crítica. Pontua-se ainda que esse trabalho ofereceu uma possível maneira de trabalhar o tema na Psicologia.

Ressalta-se, por fim, a importância da continuidade nos estudos relacionados à sexualidade. Como recomendação, pode ser importante investigar o lugar desta temática em diferentes contextos sociais, históricos e de identidades, que abarque interseccionalidades.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BOCK, A. M. B. A Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia. *In*: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (Orgs). **A Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 15-35.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. 3ª edição. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

DEL PRIORE, Mary. **Sobreviventes e guerreiras: uma breve história das mulheres no Brasil de 1500 a 2000**. São Paulo: Planeta, 2020.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade: 1. A vontade de saber**. Tradução de M. T. C. Albuquerque e J. A. G. Albuquerque, 15ª edição. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2023.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Editora Atlas; 2002.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14ª ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MOREIRA, A. L. C.; CONCEIÇÃO, M. I. G. Corpos em Evidência: Contribuição do Mapa Corporal Narrado em Pesquisas com Populações Vulnerabilizadas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 36, n. spe, 2020. Disponível em:



NOGUEIRA, Conceição. **Interseccionalidade e Psicologia Feminista**. Salvador/Bahia: Editora Devires, 2017, 130p.

ROCHA, M. L.; AGUIAR, K. F. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. **Rev Psicologia, Ciência e Profissão**, vol. 23, n. 4, dez. 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/XdM8zW9X3HqHpS8ZwBVxpYN/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 17 jun. 2024.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado e violência**. 2ª edição. São Paulo: Expressão popular: Fundação Perseu Abramo, 2015. 160 p.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v.20, n.2, p.71-99, 1995. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>>. Acesso em: 10 ago. 2024.

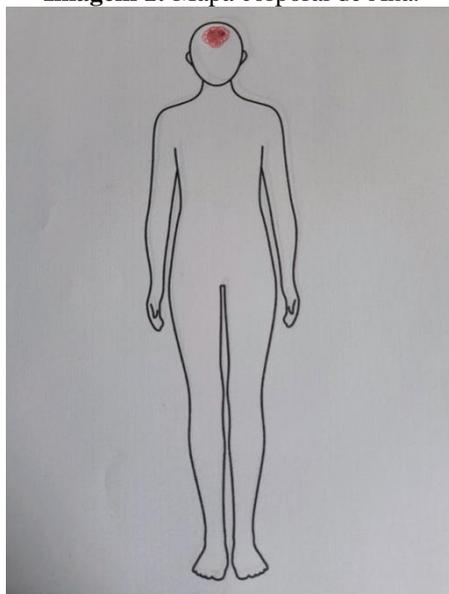
WOLF, Naomi. O Sexo. In: WOLF, Naomi. **O Mito da Beleza**: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Tradução de Waldéia Barcellos. 2ª edição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. p. 193-260.

ZANELLO, V. **Prateleira do amor**: sobre mulheres, homens e relações. 1ª edição. Curitiba: Appris, 2022.

ZANELLO, V. **Saúde mental, gêneros e dispositivos**: cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018.

IMAGEM 1 - Mapa Corporal de Ana

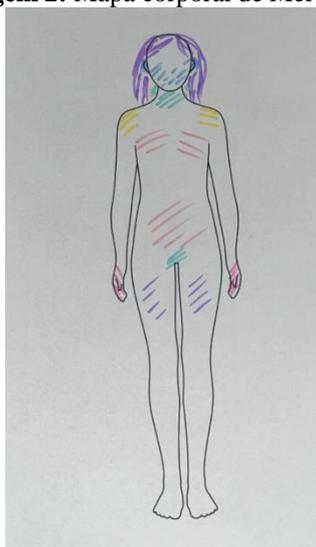
Imagem 1: Mapa corporal de Ana.



Fonte: Ana, 2024.

IMAGEM 2 - Mapa Corporal de Mercedes

Imagem 2: Mapa corporal de Mercedes.



Fonte: Mercedes, 2024.

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

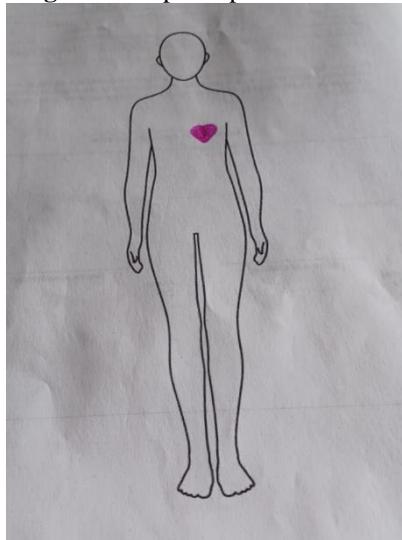
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Saúde e Sustentabilidade

IMAGEM 3 - Mapa Corporal de Marcela



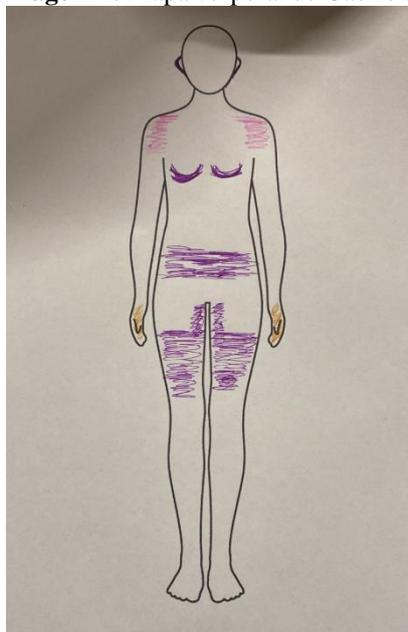
Imagem 3: Mapa corporal de Marcela.



Fonte: Marcela, 2024.

IMAGEM 4 - Mapa Corporal de Gabriela

Imagem 4: Mapa corporal de Gabriela.



Fonte: Gabriela, 2024.

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

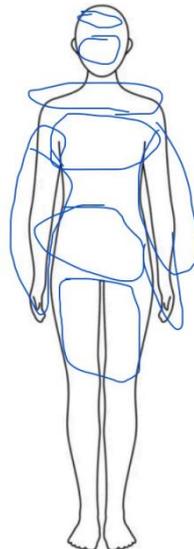
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro, Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

IMAGEM 5 - Mapa Corporal de Nina



Imagem 5: Mapa corporal de Nina.



Fonte: Nina, 2024.